

BENTO JOSÉ

MEMORIALISTA DA CONGREGAÇÃO DO ORATÓRIO DO PORTO

Por Eugénio dos Santos

1 — O Homem

A 28 de Agosto¹ de 1767, pelas onze horas da noite, falecia em Ovar o P.^o Bento José, da Congregação do Oratório do Porto, após alguns dias de sofrimento provocado por «hûas cezões tão rigurozas que se malignarão...»².

Figura rica de cambiantes, sacerdote exemplar e espírito culto, foi esquecido durante muito tempo e até, por vezes, erradamente identificado com o seu homónimo Bento José (de Sousa Farinha), professor de filosofia em Évora,

¹ Inclino-nos por esta data baseados na leitura do *Livro dos Óbitos* da Congregação. Devemos, contudo, esclarecer que não há unanimidade de versões nas fontes que se referem ao facto. Assim, uma nota, em folha solta, apensa ao ms. n.º 1337 da B. P. M. situa o passamento a 29, outro tanto acontecendo em relação ao Livro dos Assentos dos Noviços (Cfr. *Livro dos Assentos dos Noviços da Congregação do Oratório do Porto*, publicado pelo autor, pág. 40, reg. n.º 107).

² A. D. P. — *Livro dos Óbitos da Congregação do Oratório do Porto*, fol. 17.

nascido em 1740³. Houve, contudo, também quem já o tivesse identificado perfeitamente e até lhe prestasse uma primeira homenagem pelo meritíssimo trabalho que nos legou⁴.

³ Mariana A. M. Santos, ao pretender traçar o perfil bio-bibliográfico de Bento José de Sousa Farinha, baseando-se numa cópia das «*Memórias da Congregação do Oratório da Cidade do Porto*», existente no arquivo da Torre do Tombo e da autoria de um Bento José afirmou que Sousa Farinha «estudou no Colégio de S. Filipe Néri do Porto, e aqui obteve, pelos seus estudos, o direito ao título de doutor...» (Cfr. Mariana A. Machado Santos, *Bento José Professor de Filosofia em Évora*, in «Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra», Coimbra, 1947, pág. 299).

Há equívoco evidente. Sousa Farinha não consta do *Livro dos Assentos* nem de qualquer outro procedente do Oratório portuense. De comum com o congregado, só possuía o professor eborense a primeira parte do nome.

Em trabalho posterior — *Bento José de Sousa Farinha e o ensino* — («*Biblos*», vol. XXIII, Coimbra, 1948), comparando as datas do nascimento de Sousa Farinha (1740) e o início da redacção das «*Memórias*» (1741), a autora constatou a impossibilidade de o célebre professor de filosofia ser o autor do manuscrito em causa, se as datas fossem consideradas como exactas. Apesar disso, pareceu porfiar na ideia de que se tratasse de uma e mesma pessoa, chegando a levantar a hipótese «de os números estarem errados ou viciados» (Cfr. pág. 81).

Também o Prof. Lopes de Almeida se debruçou sobre Sousa Farinha, logo após o primeiro trabalho da Dr.^a Mariana A. M. Santos, publicando alguns documentos importantes para o conhecimento da sua vida e obra, tecendo judiciosas considerações, alicerçadas na sua reconhecida competência e autoridade. Procurando responder a certas dúvidas e interrogações suscitadas pelo trabalho da autora, entendeu poder concluir que «Bento José e o seu homónimo Bento José de Sousa Farinha foram uma e mesma pessoa...» (Cfr. Manuel Lopes de Almeida, *A propósito de Bento José*, in «Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra», Coimbra, 1947, pág. 615).

Efectivamente o Bento José dos documentos que o ilustre professor transcreve e Sousa Farinha são uma e a mesma pessoa.

⁴ Cfr. António Cruz, *O Ensino Das Humanidades na Congregação Do Oratório Do Porto*, pág. 5 (Separata do tomo VII das publicações do XXII Congresso Luso-Espanhol, Coimbra, 1956).

Nasceu Bento José em Lisboa, na freguesia de S. José, por volta de 1701⁵, sendo filho de Lourenço Pires Machado e de sua mulher, Mariana Teresa Caetana⁶. Tomou a roupeta parda, de provação, na Congregação do Porto, a 25 de Março de 1719 e a preta, de aprovado, em idêntico dia do ano seguinte⁷, ficando daí em diante a ser verdadeiro congregado.

Nenhum elemento positivo conseguimos apurar acerca da sua formação cultural. O seu escrito, que se lê com pleno agrado, revela-o como um homem bem preparado. Mesmo ao abordar assuntos ou aspectos delicados, consegue aliar a clareza de linguagem a uma certa graça expressiva. Como nenhum documento nos informa ter ele recebido qualquer preparação intelectual antes do seu ingresso no Oratório Portuense, parece-nos legítimo deduzir que a adquiriu aí, ao menos a mais elevada... Desde cedo resplandeceram nele as virtudes oratorianas por excelência, pois, além de letrado, «foi Micionário appostolico 44 annos continuos trabalhando na vinha do senhor»⁸. Sacerdote antes de tudo, não julgava cumprir a sua missão se não repartisse a sua existência entre a assistência às almas «com confições gerais e particulares» e o exercício das elementares obras de caridade, indo «por Hospitais, cadeas, e cazas onde havião doentes e entreuadas e entreuados»⁹.

Foram, talvez, as qualidades humanas de que se mostrava ornado o seu espírito «tanto na humildade, obediência, paciência, silêncio, modéstia e desprezo de si mesmo»¹⁰ que o recomendaram aos seus irmãos os quais lhe confiaram cargos comunitários de índole espiritual e administrativa.

⁵ Quando entrou na Congregação, a 16 de Março de 1719, tinha «idade de 18 annos pouco mais ou menos». Cfr. *Livro dos Óbitos*, fol. 17 e *Livro dos Assentos dos Noviços*, fol. 52.

⁶ Cfr. *Livro dos Assentos dos Noviços da Congregação do Oratório do Porto*, pág. e loc. citados.

⁷ *Ibidem*.

⁸ *Livro dos Óbitos*, fol. 17 v.º.

⁹ *Ibidem*.

¹⁰ *Idem*.

Sabemos que se ausentou da Casa logo a seguir a 25 de Março de 1725, devendo ter regressado só por fins de 1727¹¹. Ignoramos, contudo, a razão da sua ausência, bem como o local (ou regiões) em que se deteve durante esse período. É provável que andasse em missionação, mas nada nos permite afirmá-lo com certeza. Nesse ano de 1727 vemo-lo eleito, a 25 de Novembro, para o cargo de Companheiro do Mestre dos Noviços¹² a que estava confiada a missão de zelar pela preparação espiritual dos futuros congregados. E mandava o bom senso que para esses cargos fossem escolhidas pessoas cuja vida pudesse ser apontada como exemplo aos novos¹³. Essa seria, porém, apenas a primeira prova da confiança e responsabilidade que a Comunidade havia de depositar, daí para o futuro, sobre os seus ombros. De facto, em 1736, é escolhido, também a 25 de Novembro, para o cargo de Mestre dos Noviços¹⁴, ocupando o mesmo lugar no triénio seguinte sem que, contudo, o viesse a concluir, pois, a 23 de Junho de 1740, pedia a demissão do cargo. Os padres do governo isentaram-no aceitando as razões por ele aduzidas¹⁵. Mas possuía qualidades directivas ou, pelo menos, assim o entendeu a Congregação, pois no ano de 1742 ele saiu eleito para o lugar de maior responsabilidade e representatividade da Casa — o de Prepósito¹⁶. Fazia-se assim a consagração pública dos méritos do homem simples e modesto que era Bento José.

¹¹ A. D. P. — *Livro dos Patrimónios*, fol. 70.

¹² A. D. P. — *Livro das Eleições*, fol. 33 v.º.

¹³ «Achauasse neste dito P.º Bento aquellas circunstancias de virtudes que compongia o seu exemplo». Cfr. *Livro das Eleições*, fol. 17 v.º.

¹⁴ *Ibidem*, fol. 41 v.º.

¹⁵ «Convocados os P.P. do governo a quem toca a dezistencia, e eleição de Mestre de Noviços pelo Muito Reverendo P.º Preposito Nuno dos Guimarães, lhes propôs as justissimas cauzas com que o P.º Bento Jose pedia lhe aceitassem a dezistencia do officio que exercia, e ponderando as os P.P. acharão ser justas e procedendo a votos uniformemente o derão por exempto do dito officio». Vid. *Livro das Eleições*, fol. 46 v.º.

¹⁶ *Ibidem*, fol. 47.

No triénio seguinte é-lhe confiado o «emprego» de Deputado e Procurador da Casa e Fazenda do Doutor Manuel Roiz¹⁷, mas, apenas três anos volvidos (1748), as suas qualidades fazem com que seja eleito para o lugar de Prefeito Espiritual, pautando «com o seu exemplo tão boa doutrina»¹⁸. Em 1751 ocupou de novo o cargo de Prepósito¹⁹ que manteve até 1754. Nas eleições trienais seguintes é, de novo, designado para Procurador da Casa e Fazenda do Doutor Manuel Roiz²⁰. Por último, em 1763, desempenha pela derradeira vez um lugar oficial na Casa, cabendo-lhe o de Prepósito. Empenha-se ao máximo no desempenho da espinhosa missão, «cuidando muito em que se obseruaçe os nossos estatutos, e que todos fossem perfeitos, e bons congregados, para honra e gloria de Deos, e idificação dos pouos do século...»²².

Andava em missão apostólica em Aveiro, para onde fora a instâncias do bispo Conde D. Miguel, quando no Verão de 1767, teve prenúncios da morte que, em breve, o viria arrebatara ao convívio dos seus. Surpreendeu-o uma febre violenta, e «inda se passou com trabalho bastante para a

¹⁷ Fundador e primeiro Prepósito da Congregação do Oratório do Porto. Figura distintíssima, tanto pela nobreza do seu carácter, como pelo elevado valor intelectual que o impuseram à estima e consideração de D. Pedro II a quem ele recorreu variadas vezes para conseguir a independência da «sua» Congregação do Porto. Legou à instituição, por sua morte, o património de 60\$000 que auferia na Casa de Portagem, em Lisboa.

São abundantes as informações acerca deste congregado, principalmente nos manuscritos n.ºs 953, 978 e 1337, da Biblioteca Pública do Porto e em vários livros existentes no Arquivo Distrital que eram pertença da Congregação desta cidade (*Eleições, Óbitos, Patrimónios*, etc.). Vejam-se ainda: Eugénio F. dos Santos, *A Congregação do Oratório do Porto* (Dissertação para licenciatura apresentada à Faculdade de Letras do Porto — dactilografada, Porto, 1968) e, sobretudo, Jean Girodon, *Le Padre Manuel Rodrigues Leitão* (1630-1691), in «Arquivos do Centro Cultural Português», vol. III, Paris, 1971, págs. 401-430.

¹⁸ *Livro das Eleições*, fol. 50.

¹⁹ *Livro dos Óbitos*, fol. 17 v.º.

²⁰ *Ibidem*, fol. 53 v.º.

²¹ *Idem, ibidem*, fol. 59.

²² *Livro dos Óbitos*, fol. 18.

dita villa de Ouar...»²³. Aí sentiu algumas melhoras, tendo podido celebrar missa durante nove dias ao fim dos quais os médicos o mandaram recolher à cama «para o purgarem». O seu fim, porém, estava próximo. Apoderou-se dele uma terrível febre acompanhada de vômitos constantes até que, a «28 de Agosto, pelas 9 horas da manhã, lhe deu hũa pri-lepsia tão rigurosa», que o vitimou. Depois de amortalhado, o seu corpo foi trasladado para a Congregação do Porto, onde chegou pela noite do dia 29, acompanhado de pequeno séquito. Aguardado pela Comunidade reunida e por «grande concurso de pouo», foi sepultado horas depois por não ser aconselhável esperar-se pelo dia seguinte. O calor e as vicissitudes da viagem fizeram o cadáver entrar rápidamente em decomposição e, por isso, os padres do governo decidiram que se procedesse logo ao enterramento. Perante a comoção dos seus amigos e discípulos, o corpo de Bento José foi encerrado na sepultura n.º 14 do cruzeiro da Igreja²⁴. Ao terceiro dia do falecimento fez-se-lhe officio de corpo presente «ao qual assistio gente de distenção, e bastantes religiosos»²⁵.

*

*

*

Tanto quanto é possível ajuizar daquilo que ressalta dos seus escritos e do que dele escreveram os seus irmãos, parece legítimo concluir que o P.º Bento José poderá apontar-se como modelo de uma espiritualidade simples e firme, avesso a grandes exaltações ou euforias, aos arrebatamentos aleatórios, mas possuído de uma mansidão, constância, simplicidade, humildade e amor de Deus e do próximo, que elas norteavam até os seus actos mais recônditos, qualidades estas que vão impressionando o leitor ao longo da sua obra. Ele nem se mostrou o homem ingénuo e de fraco discernimento que em tudo vê maravilhas e boas intenções, nem o céptico

²³ *Idem*, fol. 17.

²⁴ *Ibidem*, fol. 17 v.º.

²⁵ *Idem*.

pessimista que tudo analisa e rebusca para lhe acentuar o aspecto negativo. Tudo nele é equilíbrio, sã razão, fé profunda, zelo de observância rigorosa dos preceitos divinos e das constituições, que voluntariamente aceitara ao entrar na Congregação. Mostra-se ainda um bom observador do mundo que o rodeia, olhado, esse sim, como uma epifania da bondade e grandeza de Deus. Mais inclinado a descrever e a louvar do que a analisar profundamente e a censurar, revela-se um temperamento pouco propenso à especulação, seguindo nisso as pisadas do próprio fundador do Oratório, que, de resto, ele tanto venerava. É um afectivo e um asceta resumindo em si, a nosso ver, o que o Prof. Robert Ricard afirmou dos espirituais portugueses sobre que se tem debruçado: «Ce sont avant tout des moralistes, soucieux principalement de pénitence, de mortification et d'ascétisme»²⁶.

Nas páginas, a vários títulos notáveis, que dedicou ao estudo da espiritualidade portuguesa do séc. XVIII, o Prof. Cabral de Moncada afirma que os oratorianos foram contrários aos jacobeus²⁷, embora acrescenta que esta sua afirmação se baseia apenas em suspeitas²⁸.

²⁶ Robert Ricard, *Études sur l'Histoire Morale et Religieuse du Portugal*. «Centro Cultural Português», Paris, 1970, pág. 217.

²⁷ L. Cabral de Moncada, *Mística e Racionalismo em Portugal no séc. XVIII*, in «Estudos Filosóficos e Históricos», vol. II, Coimbra, 1959.

²⁸ «Esta oposição [aos jacobeus] estava representada não só pela burguesia anónima. gente do mundo e *freiráticos*, a quem os místicos facilmente apareciam como perturbadores da sua vida regada e desmancha-prazeres, como inclusivamente por muitos homens da Igreja [...]. Os próprios padres da Companhia de Jesus nunca lhes foram favoráveis; os oratorianos tão pouco...». Cfr. *ob. cit.*, págs. 324-325.

Outro autor se faz eco desta posição assumida pelo Prof. Cabral de Moncada: «Les Jacobéens voient se dresser contre eux, non seulement la bourgeoisie et l'opinion publique portugaise en général, mais encore un grand nombre d'Ordres religieux, parmi lesquels les Jésuites et même les Oratoriens». Cfr. Émile Appolis, *Mystiques portugais au XVIII^e siècle*, in «Annales» (E. S. C.) XXX, 1964, pág. 43.

E ainda: «Dans le Portugal de cette époque, la corruption morale va de pair avec la décadence des Ordres religieux». *Ibidem*, pág. 41.

Será legítimo acusar de decadentes todas as ordens ou instituições religiosas portuguesas desse tempo? Parece-nos exagero!

Não podemos neste momento, a partir dos elementos de que dispomos, tomar uma posição diversa da do venerando mestre. Mas afigura-se-nos, contudo, haver algum exagero da sua parte no que se refere à posição do Oratório portuense dentro da espiritualidade do seu tempo. Limitamo-nos aqui a cotejar apenas alguns dados, pois esperamos poder realizar uma abordagem ulterior do problema, onde estudemos a questão com o pormenor que merece.

Embora tendo começado a sua obra (1741) na altura em que a discussão à volta da Jacobeia e do Sigilismo estava numa fase candente, Bento José parece não dizer uma palavra acerca dessa questão. Apesar disso, julgamos ser lícito deduzir dos seus escritos que algum parentesco espiritual havia entre ele e os simpatizantes jacobeus. Há, pelo menos, evidentes pontos de contacto entre o que parece ter sido o tipo de vida ideal desses ascetas setecentistas e aquele que o memorialista do Oratório da Cidade Invicta evoca, com nostalgia, a propósito dos primeiros congregados. E, ao fazê-lo, não deixa de afirmar claramente a sua simpatia por esse ascetismo primitivo. É certo que mostrar apreço por um ideal que, ademais, deveria ser denominador comum, não significa ser jacobeu; e mesmo as simpatias pessoais de um congregado não poderão ser tomadas por espelho fiel das da maioria. Mas a acreditarmos em Bento José — e adiantemos desde já que nada há a objectar à sua probidade — parece-nos que se não poderá pôr o problema nestes termos. A obra procura transmitir-nos o relato de um tipo de vida comum, onde cada parte se sacrifica e até identifica com o todo.

Sem pretendermos criticar todas as premissas de que parece ter partido o Prof. Cabral de Moncada e todas as suas conclusões, pareceu-nos que seria interessante pôr o leitor diante de certas passagens da obra de Bento José que poderiam servir ao mesmo professor para anular a oposição entre jacobeus e oratorianos, embora o notável mestre acrescente, como vimos, que os seus juízos se baseiam em suspeitas, mais que em certezas documentadas:

«O recalçamento das paixões carnis, levado ao último extremo, imprimia nas almas jacobeadas, sob a forma dum «complexo freudiano» permanente e profundo, como hoje se diria, um vinco de mal reprimida e sempre explosiva, indomável, sensualidade...»²⁹.

«A sua piedade [dos jacobeados] ... tem como nota fundamental a sua posição perante o *libido*. O *eros* e a mulher eram considerados, uma vez mais, o maior obstáculo à realização da vida espiritual. Toda a sua concepção religiosa da vida e do homem achava-se, de alto a baixo, dominada por uma interpretação *anti-erótica* da vida do espírito e do sexto mandamento»³¹.

«... nestas vizitas dizia o P.^o Manuel Viegas à Senhora muitos requebros e lhe fazia muitas meiguisses como hum menino pequeno a sua May [...]; quando ouvia falar em Maria Santissima logo se sentia saudoso...»³⁰.

«... e nas raras vezes que fallavão com mulheres, alem da licença se lhe nomeava companheiro o qual regularmente hera o porteiro, que enquanto o P.^o estava fallando se não tirava da Portaria ou assistia junto a elle à Porta da Igreja; em virtude desta mesma observancia não havia o Irmão Roupeiro dar ou tomar roupa a lavadeira na portaria do Carro sem assistir com elle o P.^o Ministro ou quem elle nomeasse; e o mesmo se guardava no dar a esmola aos pobres, e como esta portaria fica algũa cousa distante do convento, não reputando bastante a sobredita cautella, ordenarão os P.^{os} outra mais e foy que o P.^o Preposito escolhesse cubiculo para aquella parte da Cerca para que da sua janella podesse ver e observar se se portavão com a modestia devida os que hão a Portaria do Carro; para perfeição da mesma virtude se prohibia como crime o falar-se em pessoa de diverso sexo chamando lhe molher; mas sendo preciso fallarse em mulher se havia de dizer certa creatura ou pessoa...»³².

²⁹ Cabral de Moncada, *ob. cit.*, pág. 288.

³⁰ Ms. n.º 1337, da B. P. M., fol. r.º e v.º.

³¹ Cabral de Moncada, *idem*, pág. 289.

³² Ms. 1337, fol. 45, onde se lê ainda, logo a seguir: «Não se hia a convento de Religiozas; tanto assim que certa pessoa de respeito

«As orações mental e de quiete eram [...] os dois meios ou vias principais para o homem atingir pela «escada de Jacob» a vida devota ou beata. A primeira chamava-se também meditação; à segunda, contemplação»³³.

«... Traziam o pescoço à banda, os olhos sempre baixos, e andavam cobertos de grossas contas, beijando o chão das igrejas e soltando permanentemente ais e jaculatórias»³⁵.

«... Só conversavam de coisas espirituais, à jacobética, evitando os que não tratassem dessas coisas...»³⁷.

«... como para a oração he preciso o recolhimento este era continuo nos cubiculos, aonde estavam sempre bem ocupados, de sorte que o nosso convento pela solidão parecia hũa Thebaida...»³⁴.

«Ao sylencio acompanhava a modestia, andando sempre com as maos dentro do barrete que trazião deante do peito e não na cabeça; os olhos sempre baixos de sorte que a alguns lhe hera mais violento o olhar do que o não olhar»³⁶.

«As praticas e conversações que os P.^{es} tinham com as pessoas de fora, alem de serem raras, erão breves e sempre de edificação, encaminhadadas para a necessidade e bem dos proximos e o mesmo hera quando sahião fora...»³⁸.

Poderíamos continuar a transcrever passagens das *Memórias da Congregação do Oratório do Porto* cujo conteúdo revela um espírito que nos parece não andar distante daquele que era apanágio dos jacobeus, segundo o mestre coimbrão. Que concluir daqui? A nosso ver, simplesmente que não havia oposição por parte dos oratorianos ao ideal

não pode acabar com o P.^o Manuel Roiz que fosse por caridade succegar a consciencia scrupuloza de hũa religioza: e para o P.^o Gonçalo Coelho hir recolher em Vairão hũa sua sobrinha, não obstante meterse neste negocio o Illustrissimo D. Fr. Jozé Saldanha, foy necessario haver muitas junctas para se conceder licença». Fol. 46.

³³ Cabral de Moncada, pág. 293.

³⁴ Ms. 1 337, fol. 46.

³⁵ Cabral de Moncada, pág. 327.

³⁶ Ms. 1 337, fol. 46.

³⁷ Cabral de Moncada, *ibidem*.

³⁸ Ms. 1 337, fol. 47.

jacobeu. Muito pelo contrário..., pelo menos até quase meados do séc. XVIII!

Regressemos, porém, a Bento José para acentuarmos ainda que nem o desempenho dos cargos mais absorventes o distraiu do seu zelo altruista da salvação do próximo. Tinha, por isso, muitos «filhos e filhas espirituais que sahião muito capazes de servir e amar a Deos guardando a risca os ditames deste seu Padre espiritual e muitos sentirão a falta de tão bom director»³⁹. Não admira. O seu carácter era adornado de uma excepcional gama de qualidades humanas, cujo exemplo não podia deixar de se repercutir sobre aqueles que haviam tido o privilégio de com ele privar.

2 — A Obra

As «*Memorias da Congregação do Oratorio da cidade do Porto compendiadas pello trabalho e deligença do Padre Bento Joze*» constituem o repositório mais completo e pormenorizado que possuímos sobre a vida dos congregados portuenses. Abrangem o período cronológico compreendido entre a fundação da Casa (1680) e os meados do século seguinte. Os dados que aí se colhem são preciosíssimos não só para um melhor conhecimento das características da própria instituição, mas também porque, acidentalmente, são abordados assuntos que muito importam à história nacional em períodos ainda não bem estudados⁴⁰.

³⁹ *Livro dos Óbitos*, fol. 18.

Um dos confrades escreveu acerca dele um elogio bem significativo, nestes termos bem singelos: «... e universalmente era estimado por sua vida irreprehensível». Cfr. *Noticia necrológica*, in Ms. 1337, fol. 239.

⁴⁰ Queremos referir-nos especialmente ao reinado de D. Pedro II. E o cap. I4, fol. 30 v.º e seguintes, trata: «Da Doação, Protecção, e dotação que El Rey D. Pedro fez a esta Caza da Congregação do Porto».

A obra, volumosa e compacta ⁴¹, foi escrita num período relativamente curto, diríamos num jacto ⁴². Para isso muito deve ter contribuído o facto de o seu autor haver sido dispensado do cargo de Mestre dos Noviços para que estava eleito e não se encontrar adstrito oficialmente a nenhum dos «empregos» da Casa. Divide-se em duas partes distintas. A primeira «trata da fundação (e do que toca ao comum) da Congregaçam» ⁴³, compreendendo vinte e quatro capítulos distribuídos por setenta e seis *folia*. A segunda narra os «sucessos da mesma Congregaçam pella cronologia dos annos» ⁴⁴, ao longo de dezassete capítulos e das restantes folhas, de desigual interesse e desenvolvimento ⁴⁵, acrescidos de um aditamento ao último deles. Por influência, talvez, dos *Anais* ⁴⁶ é respeitada a ordem cronológica dos acontecimentos relatados, tomando-se como unidade o mesmo ano civil. Como a «história externa» da Congregação já havia sido objecto da sua atenção ao longo da primeira parte, na segunda o memorialista ocupa-se quase só em fornecer os nomes dos irmãos eleitos para os vários cargos trienais a desempenhar na Casa, de acordo com os Estatutos e seu Apêndice ⁴⁷, empenhando-se em descrever, quase sempre em tom panegírico, as «vidas dos sujeitos» que morreram até 1742.

Por que planeou e como realizou Bento José o seu trabalho?

⁴¹ O códice, ms. n.º 1 337 da B. P. M. P., de 22 x 28 cm. compõe-se de 238 folhas, das quais apenas três se apresentam em branco, embora numeradas. Como estão paginadas apenas na face equivalem a 470 de mancha gráfica, com os espaços bem aproveitados. A última página, lançada já sobre material diverso e inserta por nós nos documentos finais, é uma notícia escrita pelo P.º Manuel Roiz (o moço) sobre o autor das *Memórias*.

⁴² Foi iniciada a 29 de Abril de 1741 e concluída a 9 de Fevereiro de 1742. Tem aditamentos (doze folhas) que devem ser pouco posteriores.

⁴³ Cfr. fol. 1.

⁴⁴ *Ibidem*. Veja-se o doc. n.º 1, apenso.

⁴⁵ O capítulo 2 ocupa apenas cinco páginas de texto, ao passo que o 15 abrange sessenta e cinco.

⁴⁶ Por exemplo, do oratoriano transalpino César Barónio.

⁴⁷ Cfr. ms. 1 337, fol. 77.

Ele próprio responde à primeira parte da nossa interrogação: «Por vezes se tem da nossa Congregação de Lisboa pedido noticias desta; e como ninguém cuidava em dar satisfação a hũa tão justificada supplica; eu me fui offerrecer para este trabalho, que depois de o principiar achei ser maior do que cuidava...»⁴⁸.

Portanto, o motivo imediato da sua oferta para tarefa tão árdua é bem evidente e razoável. Mas parece-nos legítimo conjecturar que outros factores coadjuvantes deverão ter-se feito sentir simultâneamente. Lembremos, antes de mais, que, a 8 de Dezembro de 1720, D. João V assinou o decreto que instituía a Academia Real da História Portuguesa, cujo desígnio imediato era escrever a «Historia Ecclesiastica destes Reynos»⁴⁹, a que havia de seguir-se a História Secular. É certo que essa Academia teve existência efémera, porque foi encerrada logo em 1736. Porém entre 1721 e 1736 saiu a lume a «Collegam de documentos e Memorias da Academia Real de Historia Portuguesa»⁵⁰, cujo alcance é desnecessário salientar.

O próprio momento cultural português era propício ao desenvolvimento do gosto pela história em geral, elaborada segundo moldes precisos e científicos⁵¹. Os oratorianos, que

⁴⁸ *Ibidem*, fol. 1.

⁴⁹ Cfr. Manoel Telles da Sylva, *Historia da Academia Real da Historia Portuguesa*, págs. 22 e 23, onde se lê: «Tenho resolute, que se estabeleça huma Academia, em que se escreva a Historia Ecclesiastica destes Reynos, e depois, tudo o que pertencer a toda a Historia delles, e de suas Conquistas».

⁵⁰ Cfr. Joaquim Veríssimo Serrão, *História Breve da Historiografia Portuguesa*, Lisboa, 1962, pág. 223.

⁵¹ «O desenvolvimento da historiografia aparece ligado à renovação dos seus estudos e à tendência de vulgarização cultural que se verifica no séc. XVIII. Considerava-se o saber histórico como meio indispensável para o enriquecimento mental do homem e entendia-se que esse conhecimento devia ser fundado em bases sólidas, sobretudo numa rigorosa documentação para que a história se impusesse como narração fiel do passado. A historiografia passa a ser tomada como sinónimo de erudição». J. V. Serrão, *ob. cit.*, pág. 217.

A 22 de Abril de 1742 fundava-se em Lisboa a academia dos *Escolhidos* que tinha como objectivos imediatos «lêr o methodo de fazer historia e a arte de escrever», sendo seu presidente José Freire Mon-

desde a sua instituição em Portugal haviam tomado sempre uma posição de vanguarda, não podiam deixar de estar a par do movimento. Sabemos que possuíam uma biblioteca cuidada, pois para dela tratar havia na Casa o cargo de Prefeito da Livraria. Os livros estavam ordenados segundo um critério que podemos supor funcional, sendo da autoria do P.^o Manuel Viegas o catálogo que estava em uso no tempo em que Bento José escreveu a sua obra⁵². Infelizmente não conseguimos encontrar ainda algum dos catálogos dessa biblioteca da Congregação, referentes ao fundo existente no séc. XVII e princípios de XVIII⁵³. Mas não podemos duvidar de que a preparação revelada pelo nosso autor e que, segundo tudo leva a crer, foi adquirida na Casa supõe um conhecimento profundo e metódico de tudo o que de melhor se ia publicando. E a consciência de preparação para o ofício certamente influíu poderosamente no ânimo de Bento José, dispondo-o aos sacrifícios inerentes, mas também a alguns prazeres bem legítimos e merecidos. O mérito do labor sobe na medida em que ele foi absolutamente voluntário, sem imposição de espécie

terroio Mascarenhas. Cfr. J. Ribeiro Guimarães, *Summario de Varia Historia*, vol. IV, pág. 234, Lisboa, 1874

Sobre o gosto europeu, e francês em particular, pelas *Memórias*, veja-se Henri-Jean Martin, *Livre, Pouvoirs et Société à Paris au XVII^e siècle*, Genève, Droz, 1969, pág. 847.

⁵² «Quando foi Perfeito da Livraria [o P.^o Manuel Viegas] também a reduziu a melhor forma, fazendo dos livros hum novo catalogo, de que actualmente nos servimos...». Vid. ms. n.^o 1337, pág. 175 v.^o.

O que existe na B. P. M. P., da autoria do P.^o Manuel Betencourt, é de 1765. As obras aí registadas não têm, porém, data de entrada, o que torna impossível saber-se quando foram adquiridas. Mas que desde a primeira hora os oratorianos portuenses dedicaram particular atenção à biblioteca, prova-o o facto de, logo nas 1.^{as} eleições normais (1685), se haver designado um irmão bibliotecário, recaindo o cargo sobre os ombros do P.^o Francisco Correia (Cfr. *Livro das Eleições*, sessão de 8-9 de Novembro de 1685).

⁵³ No Arquivo Nacional da Torre do Tombo existe o *Livro 1.^o da Receita, e Despesa da Livraria da Congregação do Oratorio do Porto...* (1816-1832), mas também não pode servir de base para julgamento, tanto pela época tardia em que foi elaborado, quanto pelas vicissitudes e danos de que a biblioteca havia sido vítima. As invasões francesas foram verdadeiro flagelo para o Oratório portuense, como aí se demonstra.

alguma. Mais uma vez Bento José demonstrou ser homem de oração e acção, contemplativo e activo, para quem a caridade se manifestava de mil maneiras diversas. E a que trabalho insano, porfiado e paciente o obrigou a sua oferta desinteressada...

*

*

*

A maneira como ele soube architectar e realizar a sua obra conferem-lhe direito a um lugar de destaque entre os historiólogos nacionais do séc. XVIII. Se a idealizou bem, diríamos cientificamente, fez também tudo para que a prática se lhe conformasse. Imaginamos as sérias dificuldades que houve que transpor, «por quanto, como athe agora ninguém teve a curiosidade de hir assentando por sua ordem as memorias desta congregaçam, e obras sinalladas dos sugeitos della; me foi preciso andallas mendigando pellos papeis avulsos cartas e escripturas que se guardão no Cartorio; e pellos assentos dos livros velhos, e novos desta caza, não so o das entradas dos termos, e dos obitos, mas ainda os das contas, obras e Sacristia...»⁵⁴. Em linguagem clara e incisiva, ele dá conta das fontes de que se serviu e mostra-se consciente de que só uma informação capaz e completa o poderiam levar a trilhar o bom caminho. Pela própria terminologia usada se nota que o autor não era uma pessoa que se abalancava a um trabalho árduo, sem consciência antecipada das suas implicações. Muito pelo contrário⁵⁵ e isso mais o impõe à nossa consideração.

Porém, os elementos hauridos nessas fontes não lhe pareciam suficientes para levar a cabo com êxito a tarefa que a si mesmo impusera. A quantos, alguma vez outro tanto não terá sucedido!... E começava Bento José a deixar-se possuir por um sentimento de desânimo e frustração, quando algo de importante e inesperado lhe deu novo alento. Tudo parecia comprometido, «se por ultimo me não vierão as mãos

⁵⁴ *Memórias*, fol. 1.

⁵⁵ Atenda-se, a título exemplificativo, a estas palavras bem elucidativas: «... me foi preciso *andallas mendigando* pellos papeis avulsos, cartas e escripturas, etc.». Sublinhado nosso. Cfr. doc. n.º 1.

huns cadernos, que hum Padre guardava escritos pello Padre Manuel Viegas, nos quais toca elle muitas couzas, ainda que pouco de cada hũa»⁵⁶. Este oratoriano, ilustre pelo seu nascimento e formação superior, era considerado um asceta e um bom moralista pelos seus confrades e ainda «muito poupador de tempo»⁵⁷. Por ter pouca confiança na memória e, talvez, para, no futuro, ser útil à sua Congregação, «... tudo o que lhe parecia ter serventia para alguma couza o apontava, e escrevia logo, e a elle devemos em grande parte as noticias que aqui ajuntamos; porque em caderninhos escreveo as vidas de muitos Padres ainda que muito sumariamente; como também outras memorias pertencentes a Congregaçam, que tudo nos tem valido muito»⁵⁸. Destas palavras parece ser legítimo concluir que o Padre Viegas procurava antes de mais a exactidão e o rigor informativo. Tomava um primeiro apontamento, de pronto, relativo ao quer que fosse para lhe delimitar a estrutura e, depois, compunha com mais vagar a notícia, certamente cuidando já da forma literária e de juntar-lhe certos pormenores de interesse. Bento José tinha, pois, à sua disposição informações judiciosas. Mas não só deste seu antecessor, pois foi partindo desses «cadernos, e de huns apontamentos que deixou do seu tempo o Padre João Lobo e se achão no principio do livro dos termos, e de outros que por sua curiozidade escreveu o Padre João da Costa, que hoje he desta caza o mais antigo, e do mais que achei no cartorio me valerei para escrever estas memorias...»⁵⁹. Este esclarecimento espontâneo e franco conduz-nos à certeza de que o autor era homem do officio, ou, talvez mais rigorosamente, sabia como havia de proceder para que o seu tra-

⁵⁶ *Idem, ibidem*. Acerca do P.^o Manuel Viegas, cfr. o registo n.^o 28 do *Livro dos Assentos dos Noviços da Congregação do Oratório do Porto*, publicado pelo autor, pág. 18. Bento José redigiu acerca dele uma longa notícia necrológica (*Memórias*, fol. 177 v.^o a 207 v.^o). Tencionamos escrever brevemente uma nota sobre esse exemplar congregado, que, injustamente, tem sido esquecido.

⁵⁷ *Memórias*, fol. 197 v.^o.

⁵⁸ *Idem, ibidem*.

⁵⁹ *Memórias*, fol. 1. Sobre os Padres João Lobo e João da Costa, veja-se o supra citado *Livro dos Assentos dos Noviços*, págs. 11 e 26, respectivamente, na publicação do autor.

balho fosse válido, rigoroso e, portanto, útil aos vindouros. Ao mesmo tempo podemos ajuizar da sua honestidade e fidelidade informativa, pois a minúcia com que indica as fontes parece induzir a que, se qualquer dúvida surgisse, os arquivos da Casa continham elementos para rapidamente a dissipar. Do ponto de vista heurístico Bento José bem pode ser considerado um modelo do séc. XVIII português, merecendo atenção dos estudiosos e eruditos desse período.

Há, porém, um outro aspecto, quiçá mesmo o mais importante, que queríamos destacar: o seu cuidado em investigar a verdade. É realmente sob este prisma que ele se nos apresenta agigantado. Atendamos às suas palavras eloquentíssimas e sugestivas: «muitas couzas deixarei de escrever por não ter dellas a certeza que se requer para a credibilidade da historia cuja alma he a verdade, mas se por tempo se averiguarem mais não deixarei de fazer dellas memoria»⁶⁰. Será possível exigir mais? Cremos que não. O autor mostra-se-nos perfeitamente identificado com o objectivo ideal da história, sabendo como utilizar os meios que permitem chegar a esse fim. Tem plena consciência de que tudo o que é humano acarreta consigo a marca da falibilidade e da contingência. Por isso se presta a corrigir, de boa vontade, uma ou outra afirmação do seu trabalho, se for caso disso. E fá-lo-á sem constrangimento nem remoque. Apenas o norteia a averiguação da verdade e nada teme, pois a procurou lançando mão de todos os meios ao seu dispor.

Nem só o documento escrito serve como fonte histórica, como é evidente. Uma vez que o nosso autor procura reconstituir um estado de coisas relativamente recente (pouco mais de 60 anos para os factos mais recuados) não despreza a tradição oral nem os testemunhos pessoais, mas serve-se deles com extrema prudência. Ao que encontrara exarado nos documentos escritos resolveu ir «acrescentando algũas couzas que por tradição constante correm nesta caza, e outras que eu observei, e observarão algũas pessoas de caza e de fora com quem me informei as quais por serem de vir-

⁶⁰ *Memórias*, *ibidem*.

tude e de verdade devo dar credito»⁶¹. Sempre a mesma prudência e o cuidado de equilíbrio. Nem cepticismo, nem optimismo exagerado, mas uma atitude de confiança crítica.

Bento José sabia que o conhecimento do homem pelo homem implica sempre um acto de fé e de confiança nos outros. A verdade em História não é consequência de atitudes cegas, gratuitas, mas procede de uma pesquisa metódica, racional, fundamentada. O trabalho historiográfico é científico, porque tem um objecto e uma técnica própria, fundamentados racionalmente. Mas a tudo o que é humano só deve dar-se um crédito relativo pois «la foi humaine est de soi-même sujette à erreur, parce que tout homme est menteur, selon l'Écriture», escreveu um autor querido do séc. XVII e muito conhecido dos oratorianos franceses⁶². Ora é provável que o nosso congregado conhecesse os escritos mais representativos do jansenismo gaulês, talvez pela via do Oratório de Jesus, com o qual o seu congénere português manteve inegáveis contactos⁶³. Pelo menos, estas palavras do memorialista não devem reflectir um estado de espírito diverso: «Por ultimo [...] protesto que não he o meu intento que se dem a estas memorias mais credito do que o que cabe na fe humana»⁶⁴. Mais uma vez um acto de humildade e a confissão pública das suas próprias limitações.

⁶¹ *Idem*. Há um facto que ele narra a propósito do P.^o Manuel Viegas e que ilustra o seu modo de proceder em relação ao testemunho oral. Dizia-se que um jasmineiro do jardim da Casa murchara durante o ano seguinte à morte daquele seu dedicado cultor. Bento José não quis deixar de referir-se ao facto. Fá-lo, porém, neste termos: «Deste jasmineiro dizem que hum anno de dia a dia depois da morte do P.^o Manuel Viegas estivera murcho, sem dar flores; porem eu não fiz essa observação, nem tambem algumas pessoas que tractam da cerca a quem o perguntei...» (*Memorias*, fol. 184 v.^o).

⁶² Antoine Arnauld et Pierre Nicole, *La Logique ou L'Art de Penser*, IV^o, XII, Flammarion, Paris, 1970, pág. 409.

⁶³ Jean Girodon, *Le Padre Manuel Rodrigues Leitão*, in «Arquivos do Centro Cultural Português», vol. III, Paris, 1971, págs. 401 a 410.

Idem, *Les Origines de l'Oratoire de Portugal*, in «Bulletin des Études Portugaises», tomos 28-29, 1967/68, págs. 145 e segs.

⁶⁴ *Memórias*, fol. v.^o.

Vimos qual o seu conceito de história, que ele idealiza como uma criação baseada na investigação metódica e «cuja alma he a verdade». Mas, como não poderia deixar de acontecer, Bento José pagou também um tributo à época em que viveu e de que procurou transmitir-nos alguns dos traços mais marcantes. Efectivamente o género literário que cultivou revela, mais que nenhum outro, o «clima espiritual» que caracterizou esse período da vida nacional. A história era apreciada em virtude da sua função pragmática de mestra da vida, sinal de imortalidade⁶⁵. Por esse motivo o nosso autor dá muito maior relevo às «vidas» de alguns dos seus confrades defuntos do que a outros aspectos importantíssimos que muito gostaríamos de conhecer em pormenor e cujos elementos escasseiam⁶⁶. Será essa porventura a faceta mais temporal das *Memórias* através da qual o autor mais nos aparece vinculado ao seu tempo. Nenhuma originalidade daí advém, mas também nenhum inconveniente de maior. Demais, Bento José esclarece-nos completamente logo na «Nota prévia» acerca do objectivo do seu trabalho⁶⁷ e, por essa razão, é mais fácil ao leitor perceber a estrutura da obra⁶⁸, conhecendo previamente a intenção do seu autor.

⁶⁵ «... isentando Sua Magestade por este modo da jurisdição da morte os Vassallos mais benemeritos, que são os que obrarão acçoens dignas de serem immortalizadas pelo vida da fama, que sempre lhe conservará a Historia, na qual acharão tambem singulares exemplos, e vehementes estimulos...». Cfr. Manoel Telles da Sylva, *Historia da Academia Real da Historia Portugueza*, tomo I, Anno MDCCXXVII, págs. 45-6.

⁶⁶ O Prof. Hernâni Cidade definiu a história deste período como «mestra da vida para o escol que houvesse de ter intervenção na vida militar, política ou religiosa, e portanto acima de tudo preocupada da *façanha ilustre*, da acção de mais espectacular relevo». Cfr. *Lições de Cultura e Literatura Portuguesas*, 1.º vol., 5.ª ed., Coimbra, 1968, pág. 391.

⁶⁷ Doc. n.º 1.

⁶⁸ Sem pretendermos garantir uma influência directa na filiação das *Memórias* do oratório portuense, não podemos deixar de chamar a atenção para o paralelismo existente entre elas e as *Memorie Historiche della Congregatione dell'Oratorio nelle quali si dà Rag-*

obra se lê com gosto e a falta de emendas ou rasuras leva-nos a supor ser natural e corrente a linguagem que aí usa.

O aditamento final é ainda uma garantia da veracidade dos aspectos historiados, embora o autor declare peremptoriamente que não desejou fazer história *ex professo*⁷². Alguns reparos que foram feitos de pronto pelos leitores seus contemporâneos, nada diminuem à meticulosidade de informação do autor e incidem sobre pormenores, que diríamos acidentais. Lidas aos confrades e por eles sancionadas, no tocante à veracidade de alguns acontecimentos ainda remanentes na memória dos mais idosos, as *Memórias da Congregação do Oratório da Cidade do Porto* honram o seu autor e, acima de tudo, a instituição que o formou.

⁷² *Memórias*, fol. 236 r.º e v.º.

FONTES

DOCUMENTO N.º 1

Memorias da Congregaçam do Oratorio da Cidade do Porto compendiadas pello trabalho e diligença do Padre Bento Joze da mesma Congregaçam a que deu principio em 29 de Abril de 1741.

*Vão divididas em duas partes: na primeira trata da fundação [e do que toca ao comum] * da Congregaçam; e na segunda dos sucessos da mesma Congregaçam pella cronologia dos anos.*

NOTICIA PREVIA

Mui ordinaria he entre os Portuguezes, que escreverão historia a queixa dos antigos, que por não fazerem memoria das acções heroicas, que no seu tempo obrarão os varões insignes, privarão aos vindouros dos exemplos para a imitação aos historiadores de materia para o seu assumpto, e a Nação da gloria, e credito, que lhe rezulta dos benemeritos; que sendo-o no seu tempo pellas suas obras, o deixão de ser para a posteridade pello indisculpavel disguido, que nos seus contemporaneos houve de fazerem lembrança de suas proezas.

* A margem o texto entre [].

Se eu com os escriptores podera fazer choro ninguem levantaria mais a voz para a queixa; porque não podendo deixar de ser notorio este descuido aos nossos Padres, não emendarão em si o que como culpa condemnão todos nos antepassados; e assim o que nestes foi culpa nelles foi rehincidencia.

Por vezes se tem da nossa Congregaçam de Lisboa pedido noticias desta; e como ninguem cuidava em dar satisfação a hũa tão justificada supplica; eu me fui offerecer para este trabalho, que depois de o principiar achei ser maior do que cuidava; por quanto, como athe agora ninguem teve a curiosidade de hir assentando por sua ordem as memorias desta Congregaçam, e obras sinalladas dos sugeitos della; me foi preciso andallas mendigando pelos papeis avulsos cartas, e escripturas que se guardão no Cartorio; e pellos assentos dos livros velhos, e novos desta caza, não so o das entradas dos termos, e dos obitos, mas ainda os das contas, obras e Sacristia: e como tudo o que nelles se acha he mui pouco, teria não so motivo grande para a queixa daquelles primitivos Padres, mas ainda materia para o sentimento de ver frustrado o meu trabalho, se por ultimo me não vierão as mãos huns cadernos, que hum Padre guardava escritos pello Padre Manuel Viegas, nos quaes toca elle muitas couzas, ainda que pouco de cada hũa.

Destes cadernos, e de huns apontamentos que deixou do seu tempo o Padre João Lobo e se achão no principio do livro dos termos, e de outros que por sua curiosidade escreveu o Padre João da Costa, que hoje he desta caza o mais antigo, e do mais que achei no cartorio me valerei para escrever estas memorias, acrescentando algũas couzas, que por tradição constante correm nesta caza, e outras que eu observei, e observarão algũas pessoas de caza e de fora com quem me informei as quaes por serem de virtude, e de verdade devo

dar credito: muitas couzas deixarei de escrever por não ter dellas a certeza que se requer para a credibilidade da historia cuja alma he a verdade, mas se por tempo se averiguarem mais não deixarei de fazer dellas memoria.

Por ultimo (como hei de falar em algũa [sic] pessoas illustres em virtude) obedecendo aos decretos do Sumo Pontifice Urbano VIII protesto que não he o meu intento que se dem a estas memorias mais credito do que o que cabe na fe humana.

B. P. M. P. — Ms. n.º 1 337, fol. 1 r.º e v.º.

DOCUMENTO N.º 2

... Era muito poupador do tempo [o P.º Manuel Viegas], e por isso não obstante ter tanta quantidade de devoções, demorarse tanto na missa e officio Divino, fazer tanta assistencia no confessorario, satisfazer as obrigações dos muitos officios que teve na Communidade e hir tão frequentemente fora às confições, e moribundos, ainda assim tinha lugar para a lição de livros espirituais, para o estudo de moral, que sempre fazia, e por isso a sabia muito bem, e quando se examinavão os de caza elle era dos que mais perguntavão, e para fazer tanta quantidade de apontamentos quantos fez em diversas materias, pois tudo o que lhe parecia ter serventia para alguma couza o apontava, e escrevia logo, e a elle devemos em grande parte as noticias que aqui ajuntamos; porque em caderninhos escreveo as vidas de muitos Padres ainda que muito sumariamente; como tambem outras memorias pertencentes a Congregaçam, que tudo nos tem valido muito; ate para escrevermos esta sua vida nos aproveitamos dos seus apontamentos, que nos derão noticias da grande parte dela [...].

Idem, fol. 197 v.º e 198 r.º.

DOCUMENTO N.º 3

Algũas advertencias, e acrescentamentos sobre que está escripto.

*Como estas memorias fossem lidas por algũas pessoas desta casa; e depois se lessem á Commu-
nidade no Refeitorio me fizeram algũas advertencias
que aqui quero por: a primeira he que fallando
muitas vezes em o Bispo D. Fr. José lhe dou o
sobrenome de Saldanha, o que fazia attendendo a
familia donde era; porem na realidade o seu sobre
nome era de Santa Maria, chamando-se D. Fr. Jozé
de Santa Maria.*

*A segunda couza que me advirtirão foi que
escrevi mui sumariamente as vidas daquellas [sic]
sujeitos que nos principios da Congregaçam mor-
rerão dizendo me que as podia ampear, referindo
deles todas as virtudes, o que não duvidara fazer
porque entendo que certamente as tinhão; porem
como eu ex professo não escrevi história se não
ajuntei noticias por isso rellatei só o que achei
expresso, deixando o mais para quem escrever a
Coronica o qual sem escrupulo pode dizer dos taes
sugeitos muitos louvores que de todos erão dignos,
vivendo-se naquelle dourado seculo na Congrega-
çam com a perfeição de vida que em hum capitulo
da primeira parte escrevi; e sendo aquella vida
comum em todos entre elles ainda se notarão como
singulares os que fiz especial menção [...].*

Idem, fol. 236

DOCUMENTO N.º 4

*A 29 d'Agosto de 1767 faleceu na villa d'Ovar
o P.º Bento José, redactor destas Memorias da
nossa Congregação; tendo dado fim a huma Mis-
são que acabara de fazer em Aveiro, à instância*

do Ex.^{mo} Bispo Conde D. Miguel; na qual Missão contrahio humas sezoens que se malignarão, das quaes escapando em Ovar, onde estava convalescendo, acabou com huma apoplexia; e não pôde receber o SS. por viatico, como tinha feito em Aveyro, e so lhe administrarão a Santa Unção. Morreu pelas 11 horas da noite, assistido de tres Padres desta Congregaçam. No dia seguinte se enterrou nesta nossa Igreja, porqpe os Padres do governo mandarão vir seu corpo: e foi sem número o concurso de gente que o esperou, quando entrou nesta cidade aclamando-o por Santo e outros titulos bem merecidos pelas suas virtudes especialmente pelo zelo da salvação das almas e charidade com o Proximo no espirital e temporal. Foi incansavel no exercicio do Confessionario e Missões e universalmente era estimado por sua vida irreprehensivel.

Extracto do livro dos Assentos
dos Padres e Irmãos

Manuel Roiz

Idem, fol. 239.

DOCUMENTO N.º 5

Em 28 de Agosto de 1767 faleceo o P.^e Bento Joze em a Villa de Ovar, prencipiando a sua emfermidade andando em Mição em Aueyro de hūas sezões tão rigurozas, que se malignarão, e inda se passou com trabalho bastante para a dita villa de Ovar, aqui se achou com algum aliuiio, das cezões e inda dice noue dias Miça de que era muito amigo dizer todos os dias inda que se visse com grande queixa na sua saude; E no fim dos ditos noue dias, que dice Miça na dita Villa de Ouar, mandarão os Medicos se recolhece a cama para o purgarem e logo se lhe descobrio hūa febre e hum tal fastio que nada desta vida podia comer que o não de-

pozesse fora; e assim em dous ou tres dias se pos taõ mal que em os ditos 28 de Agosto pelas 9 horas da manham lhe deu hũa prilepsia tão rigurosa que pelas onze oras da noute deu a sua alma a Deus; E logo o P.^o Francisco Pinheiro com boa descripção o amortalhou saçerdotalmente e logo o pos a caminho para esta Congração [sic] e em hũas Andas acompanhado de 6 saçerдotes da dita Villa de Ouar e mais alguns dos seus filhos expirituaes, chegou a esta nossa Congregaçam em 29 do dito mes pelas noue oras da noute; E como se sabia vinha o dito defunto para sua Congregação, o esperou nesta cidade grande com curso de pouo dito da aqualidade [sic] que cauzou grande admiração e se senão tira o corpo da Igreja para o nosso Oratorio fechado, o povo sem duvida o deixaria nu e sem mortalha. Porem como o dito defunto do avalho do caminho chegou com bastante por ser tambem tempo de grande calor, rezoluerão os Reverendos P.^{es} Prepozito Manoel Ferreira e mais os do Gouerno que não estaua em termos para ficar depositado para o dia seguinte e assim se ajuntou outra vez a comunidade toda, e pella meja noute se sepultou no nosso cruzeiro da Igreja na sepultura n.^o 14 e logo no dia seguinte se lhe fez o seu officio de corpo prezente por ser o 3.^o dia ao qual assistio gente de distenção e bastantes religiosos.

Este dito P.^o Bento Joze hera natural de Lisboa, filho [em branco] e vejo para esta nossa Congregação de idade de 18 annos pouco mais ou menos, porque havia de ter idade quando faleceo de 66 annos; E foi Micionario appostolico 44 annos continuos trabalhando na vinha do senhor; com tanto valor e freuor na saluação das almas de dia e de noute com tal desvelo que se esquessia de sy so afim de fazer forte guerra ao inferno, e dar Gloria a Deos; E estando em caza hera o mesmo Exercicio contino de dia e de noute com confições gerais e particulares de menos dias, hia pela cidade só a trabalhar para Deus por Hospitais,

cadeas e cazas onde havião doentes e entreuadas ou entreuados.

Achava-se neste dito P.^o Bento aquellas circumstancias de virtudes que compongia o seu exemplo, tanto na humildade, obediencia, paciencia, silencio, modestia e desprezo de sy mesmo que edificava, e dava com o seu exemplo tão boa doutrina aos seus filhos e filhas expirituaes que sahião muitos capazes de servir e amar a Deos guardando a risca os ditames deste seu Padre espiritual e muitas e muitos sentirão a falta de tão bom director. Ardia na virtude da caridade dezejando no intimo dalma acodir as necessidades dos proximos, e como lhe conhecião os esmoleres este dezejo lhe dauão dinheiro com mão larga para elle distribuir pelos pobres, a huns dandolhe de comer e a outros de vestir, emfim a outros succurrendo para sahirem de prizõens e quando não tinha esmola que dar e lha pedia algum necessitado o sentia tanto que lhe fazia derramar algumas lagrimas pelos seus olhos de compaixão pois o seu dezejo hera socorrer as necessidades de todo o mundo se lhe fosse pocivel.

Foi o P.^o Bento Joze Preposito nesta Congregação tres vezes * fazendo a sua obrigação deste emprego cuidando muito em que se obseruaçe os nossos estatutos e que todos foçem perfeitos, e bons congregados para honra e gloria de Deos e idificação dos pouos do seculo; era muito amigo do zello da communitade e se tinha ocazião algũa conuenciencia [sic] para aumento da communitade liberal o dava ou fossem Miças de esmola aventejada ou outro qualquer modo de utilidade. E fora da dita occupação de Preposito se asujeitava tanto a obediencia dos mais Prepositos que sempre estaua indifferente para o que elle quizece dispor de dia e de noute; e em qualquer duvida ou duvidas de circumstancia que se mouesse do bem comum da

* Riscado no original.

Comumidade hera chamado e muito attendiuel o seu paresser por ser muito antigo na Congregaçam e saber muito dos particulares da dita Comumidade. Emfim, fezeçe tal opinião do seu modo de vida que por sua morte se tem dibulgado nesta cidade e por fora della que por intreção da alma do P.º Bento para com Deus tem sarado muita gente hum quase sem vista nesta cidade e hũa preta cheja de dores em hua perna que não hauia remedio que a sarasse, e hoje se acha liure das dores e totalmente sam, outra na Terra da feira na mesma forma: emfim varios achaques corporaes e espirituais e lhe tem trazido em remuneração alguas offertas.. E quem aqui escreueo isto tambem declara que em vida do dito lhe aliuiou varias dores que padeseu, somente pondo lhe a sua mão; e Deus Nosso Senhor lhe há de ter a sua alma na sua Divina prezença para rogar por esta Congregação para que todos os vamos louvar.

A. D. P.—*Livro dos Óbitos da Congregação do Oratório do Porto, fols. 17 e 18.*

DOCUMENTO N.º 6

O Irmão Bento Joseph entrou no mesmo dia asima [16 de Março de 1719], e tomou a roupeta farda no mesmo dia que o sobredito. He filho de Lourenço Pires Machado, e de sua mulher Marianna Theresa Caetana, he natural de Lisboa da freguesia de S. Joseph. Tomou o roupeta preta no mesmo dia do seguinte ano de 1720.

Morreu na Congregaçam, isto he, sendo congregado porque morreu em a Vila de Ovar, vindo de hũa Missão aos 29 de Agosto de 1767.

B. P. M. P.—*Ms. n.º 953, fol. 52.*